Lugar de mulher é onde o Vasco estiver: configurações do torcer e alianças de mulheres vascaínas em Santa Catarina

A woman's place, it's where Vasco is: fan settings and alliances of Vasco women in Santa Catarina

Thais Rodrigues de Almeida
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Florianópolis, SC
takaprofe@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-0202-0035

Franciane Maria Araldi
Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil
Tubarão, SC
franciane.m.araldi9@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-0526-127X

Caroline Soares de Almeida
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Florianópolis, SC
almeidacarol82@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-1361-6616

Recebido em: 10 de março de 2025
Aceito em: 12 de janeiro de 2026

Resumo:

Nesta pesquisa, analisamos a diversidade de configurações do torcer, nas quais possuir vínculo com o clube, acompanhar os jogos, frequentar os estádios, são pontos em comum nas vivências torcedoras, e neste trabalho destacamos as relações estabelecidas por mulheres torcedoras vascaínas residentes em Santa Catarina. Nossas interlocutoras, envolvem-se nas práticas torcedoras identificadas com uma equipe de outra região/estado. A estratégia identificada em nosso estudo, foi a inserção em uma torcida organizada do seu clube desde o estado de Santa Catarina. Nosso objetivo, foi compreender as configurações torcedoras assim como os discursos e representações envolvendo gênero assim como a diversidade do torcer, para tanto, realizamos uma etnografia acompanhando torcedoras vascaínas. Concluímos que vivenciar a cultura torcedora relaciona-se a estabelecer estratégias de alianças e negociações onde futebol, gênero e identidades são constantemente permeados por resistências, desafios e a produção de vínculos torcedores os quais redimensionam as expectativas de rivalidades, distância e regionalidade.

Palavras-chave: Futebol. Mulheres Torcedoras. Gênero.

Abstract:

In this research, we analyze the diversity of fan configurations, in which having a connection with the club, following games, and attending stadiums are common points in the fan experiences. In this work, we highlight the relationships established by female Vasco fans living in Santa Catarina. Our interlocutors engage in fan practices identified with a team from another region/state. The strategy identified in our study was to join an organized fan group of their club from the state of Santa Catarina. Our objective was to understand the fan configurations as well as the discourses and representations involving gender and the diversity of fandom. To this end, we conducted an ethnography following female Vasco fans. We concluded that experiencing fan culture is related to establishing strategies of alliances and negotiations where football, gender, and identities are constantly permeated by resistance, challenges, and the production of fan bonds that reshape expectations of rivalries, distance, and regionality.

Keywords: Football. Women Fans. Gender.

Introdução

O título deste artigo toma de empréstimo uma expressão amplamente utilizada em movimentos feministas “lugar de mulher é onde ela quiser”, o qual foi repaginado em campanhas voltadas para o público feminino de um grupamento organizado do clube Vasco da Gama, “lugar de mulher é onde o Vasco estiver”. A articulação entre mulheres torcedoras e gênero é relevante e um dos pontos centrais deste trabalho, porém outras relações ganham visibilidade no contexto investigado, onde mulheres torcedoras do clube Vasco da Gama, residentes em Santa Catarina reúnem-se e organizam-se junto à outros torcedores de seu clube do coração, e desta forma buscam o espaço, representatividade e práticas torcedoras e identitárias.

Neste estudo, ao voltarmos o olhar para o futebol, buscamos analisar este fenômeno esportivo tendo em vista que é comum no contexto brasileiro, associar os valores desta prática à representações de uma masculinidade viril a qual prioriza e estabelece no campo da normalidade o 'sexo e gênero da bola' (Goellner, 2005; Pisani, 2018). Tais representações de masculinidades, se dão em relação à condição masculina como uma construção cultural produzida e reproduzida socialmente e que não pode ser definida fora das condições históricas, culturais, econômicas e políticas em que esse sujeito constitui sua masculinidade (Kimel, 1998).

Nesse sentido, permite compreender o futebol como um dispositivo social que não apenas espelha as hierarquias de gênero vigentes, mas que também opera de modo ativo na sua produção, legitimação e naturalização. Desta forma, o ambiente futebolístico se constitui como um espaço privilegiado de atualização de normas e expectativas que organizam as relações entre homens e mulheres, reiterando desigualdades sob a aparência de tradição ou pertencimento. Conforme argumenta Connell (1995), as masculinidades não correspondem a atributos fixos ou essências naturais, mas a configurações históricas de práticas e significados socialmente produzidos, estruturadas em relações de poder tanto entre diferentes formas de masculinidade quanto na sua articulação com as mulheres.

Simone Guedes em seu capítulo no livro Universo do Futebol (1982) sinalizou que gostar de futebol envolvia entender sobre futebol e nesse sentido saber praticar, possuir experiência com a bola nos pés, dado o contexto social e temporalidade de sua

pesquisa, o futebol praticado e debatido por homens, e naquele contexto a própria autora como alguém fora da norma a investigar e produzir saberes para além do campo de jogo. A inspiração para a realização desta pesquisa, parte justamente do entendimento de que dada a realidade brasileira na qual as pedagogias do jogo nem sempre são acessíveis à todos e em especial às mulheres, as quais por 40 anos foram inclusive proibidas de praticar futebol, o envolvimento de gostar e o exercício do torcer por um time do coração, denota sentidos e especificidades em um ambiente onde, por muito tempo as mulheres estiveram às margens, e ainda hoje buscam legitimar sua presença seja no campo do jogo ou nas arquibancadas. Se as pedagogias do torcer envolvem os gestos, quando sentar, quando levantar em uma partida, os cânticos e inclusive os xingamentos, tais pedagogias foram pensadas e são expressas a partir de um currículo de masculinidades, uma pedagogia normativa a partir da qual todos os sujeitos torcedores são pensados e inclusive hierarquizados nos estádios (Bandeira; Seffner, 2022), e em relação à esta norma configuram-se representações e expressões de identidade, pertencimento, protagonismo e resistências.

A partir dessa compreensão, passamos a observar as pedagogias do torcer como processos que atravessam os corpos e as experiências no estádio, ensinando de maneira contínua como ocupar aquele espaço e quais formas de torcer são reconhecidas como legítimas. Se os estádios operam como um currículo de masculinidades, conforme problematiza Bandeira (2010) , tornou-se possível perceber, no trabalho de campo, que as mulheres torcedoras também são interpeladas por esse conjunto de prescrições, ainda que frequentemente posicionadas sob vigilância, suspeita ou constante necessidade de legitimação. Nos cânticos, nas cobranças por participação, nas exigências de disposição corporal e na valorização reiterada da raça, da garra e da virilidade, aprendem-se códigos que delimitam como torcer e quem pode fazê-lo sem ser questionada. Nesse movimento, a presença feminina passa a demandar uma performance contínua de pertencimento, na qual o conhecimento sobre o clube, a intensidade afetiva e a fidelidade são mobilizados como provas de autenticidade. Ao mesmo tempo, ao ocuparem as arquibancadas, essas mulheres não apenas assimilam tais códigos, mas também os tensionam e ressignificam, produzindo fissuras nesse currículo generificado e evidenciando que a experiência torcedora extrapola os modelos masculinos que historicamente estruturaram o futebol.

Portanto, frequentar um estádio, possuir um vínculo com o clube, com a torcida, acompanhar os jogos, é uma escolha permeada por desafios que vão desde as condições financeiras (valores dos ingressos, viagens, vestimentas), a segurança antes, durante e depois dos jogos, as relações estabelecidas com os demais membros torcedores organizados ou não (Campos, 2010; Januário 2019), o apoio familiar, os gestos, vestimentas, cânticos, expressões, a alegria e o sofrimento compartilhados implicam na construção das identidades dos sujeitos e na constituição do ser torcedor(a), neste sentido ser mulher torcedora.

Neste texto, apresentaremos aspectos relevantes da investigação etnográfica e do percurso desenvolvido durante o trabalho de campo, descreveremos especificidades encontradas junto ao grupo das interlocutoras vascaínas, e realizaremos articulações com referenciais teóricos feministas que, ao olhar para as mulheres torcedoras amparam as problematizações suscitadas na investigação realizada.

Futebol e torcedoras

Na literatura específica sobre futebol e torcidas nas Ciências Humanas e Sociais, diferentes autores argumentaram sobre perfis específicos de torcedores, através dos quais elencaram identidades, comportamentos, violência, diversidade entre outros temas, assim como apontaram um número maior de estudos e pesquisas realizadas nas regiões sudeste e sul do Brasil (Giglio; Spaggiari, 2010; Fensterseifer; Saad, 2018; Batista; Abrahão, 2022). Um ponto em comum encontrado em vários trabalhos de levantamento de produção do conhecimento sobre a temática futebol e torcidas e/ou futebol e torcedores, é a predominância de pesquisas que privilegiaram o público masculino, ou seja , as torcidas de futebol, vem recebendo investimentos políticos e acadêmicos no sentido de buscar a compreensão dos sentidos, embates, especificidades das mesmas, porém em termos de mulheres torcedoras ou torcidas femininas, os estudos ainda são insipientes pois frequentemente as mulheres são invisibilizadas em relação ao mais popular do país (Costa 2007, Januário 2019). Diante disso, nosso objetivo foi compreender as configurações torcedoras assim como os discursos e representações envolvendo gênero assim como a diversidade do torcer, e para tanto, realizamos uma etnografia multissituada composta por observação participante e a realização de entrevistas com interlocutoras privilegiadas.

Ao abordarmos a especificidade das torcidas, ressaltamos que estas são as responsáveis pelas expressivas manifestações em massa no contexto do futebol. Em sua constituição podem ser institucionalmente organizadas ou formadas por espectadores sem vínculos, trazendo como um todo a ideia de heterogeneidade, apesar de estudos sobre as torcidas apontarem para uma maioria jovem e do sexo masculino (Teixeira, 1998; Reis, 2016), tendo em comum o pertencimento clubístico a partir do qual é possível vivenciar uma sociabilidade composta por sentimentos de solidariedade, companheirismo e fazer parte do grupo, amplamente fomentada por discursos de iniciativa ao clube assim como repúdio às equipes rivais (Reis, 1998; Damo, 2014).

Em relação às formas de manifestações das torcidas e a exaltação da rivalidade em discursos de ódio e repulsa às equipes rivais, a violência decorrente abrange tanto atos empíricos quanto simbólicos, e é foco de inúmeros estudos analisados pela academia tanto no contexto europeu, com os estudos inaugurais em relação ao hooliganismo quanto no brasileiro com crescente número de pesquisas nas décadas de 80 e 90 em diante (Murad, 2007). Em nível nacional, a violência relacionada à sujeitos torcedores tornou-se um problema desestabilizador, acarretando mobilizações governamentais as quais culminaram com a proibição de torcidas organizadas com histórico de atos violentos, banimento de lideranças e de torcedores, assim como na elaboração do estatuto de defesa do torcedor o qual foi amplamente questionado pelos coletivos organizados de torcidas (Murad, 2007; Reis, 2010). No entanto, estudos recentes indicam que em se tratando dos grandes clubes de futebol brasileiro, diante do espectro de milhares de torcedores uma minoria no interior das torcidas é que realmente está relacionada à atos violentos, inclusive há o questionamento de sujeitos infiltrados nas torcidas com o objetivo de cometer delitos em meio à turbulências geradas nos dias de jogos e aglomerações decorrentes destes contextos (Souza, 2016).

As torcidas de futebol, portanto, vem recebendo investimentos políticos e acadêmicos no sentido de buscar a compreensão dos sentidos, embates, especificidades das mesmas, porém em termos de mulheres torcedoras ou torcidas femininas, os estudos ainda são insipientes pois frequentemente as mulheres são invisibilizadas em relação ao mais popular do país (Costa 2007, Januário 2019). Ao realizarmos um recorte histórico sobre a participação feminina no universo do torcer nas primeiras décadas do século XX, a participação das mulheres para a popularização das partidas de futebol era

inclusive incentivada, para que trouxessem um viés mais elitizado aos confrontos. Neste sentido, a presença das torcedoras legitimava o jogo enquanto um evento social, ao mesmo tempo em que oportunizava as moças a vivência fora do ambiente doméstico, em relação ao próprio termo torcedora, uma das versões de sua origem amplamente aceita é a de que se popularizou através dos noticiários e mídia impressa ao descreverem as moças aflitas ao observarem as partidas e torcerem suas luvas (Murad, 2012). Porém, a partir da popularização do esporte abrangendo outros extratos sociais, acabou por modificar os discursos, os quais produziram hierarquias, normatizações e privilegiaram a presença massiva masculina nas arquibancadas, o que ocasionou o afastamento das mulheres dos espaços de eventos futebolísticos (Costa, 2007).

A partir destes recortes históricos, podemos traçar um paralelo ao contexto atual, no qual eleger as experiências das mulheres torcedoras enquanto foco de estudo, passa por compreender o exercício do torcer como um espaço de disputas e negociações, o qual conduz à necessidade de observarmos os discursos naturalizados envolvendo gênero e sexualidade, e as formas como instituem relações de poder produzindo hierarquias e efeitos de verdade no meio futebolístico. Neste esporte, aparentemente os sujeitos desviantes das normas de gênero e sexualidade, são marcados como diferentes, transgressores, sendo instituída uma ideia de ilegalidade, clandestinidade, ante aqueles estabelecidos, normatizados na representação naturalizada e, portanto, invisível da masculinidade. Denota também refletir sobre a ocupação e envolvimento das mulheres em relação às suas experiências no meio futebolístico, se enquanto jogadoras na trajetória brasileira o futebol foi uma prática legalmente proibida a partir do período do Estado Novo, e somente autorizada em meados dos anos 80, deixando uma evidente lacuna em termos do desenvolvimento do esporte feminino, atualmente do ponto de vista legal todos os esportes são permitidos às mulheres, praticá-los, ou envolver-se enquanto torcedora, representa uma atitude ainda suscetível a representações que persistem associando determinadas práticas como o futebol a um referencial exclusivamente masculino, questionando as feminilidades, comportamentos e condutas das mulheres que se aventuram nesse meio.

Ao analisarmos alguns recortes históricos de grandes clubes brasileiros, das muitas anônimas que frequentaram estádios, algumas personagens mulheres obtiveram destaque e registro, inclusive servindo de inspiração para o reconhecimento por parte

das torcidas e gestões de alguns clubes. Exemplos podem ser suscitados quanto à fundação inicial dos clubes como a participação de Dona Chiquitota na história do Botafogo, a qual por ser avó de um dos fundadores opinou pela modificação do nome do clube, inspirando-se no local de moradia o bairro de Botafogo no Rio de Janeiro, participação reconhecida nos relatos históricos da fundação do clube. Outra figura que podemos destacar é Alice Neves, mãe de Mário Neves, um dos fundadores do clube Atlético Mineiro, segundo registros históricos responsável por costurar os primeiros uniformes e primeira bandeira do clube, assim como organizou o primeiro coletivo de mulheres apoiadoras (em grande medida parentes da diretoria ou jogadores) do clube (Ribeiro, 2018). Em ambos os casos de Dona Chiquitota, quanto de Alice Neves, sobressai a figura da matriarca, da mulher que por conta dos laços familiares acabou intervindo nessa organização inicial de clubes que depois vieram a se desenvolver.

Em contrapartida, personagens consideradas torcedoras símbolos como Dona Elisa Alves no Corinthians e Dulce Rosalina no Vasco da Gama, as quais figuraram em destaque por sua participação ativa nos jogos de seus respectivos clubes. Dona Elisa Alves, eleita torcedora símbolo do Corinthians a qual possui inclusive um memorial em seu nome no Parque São Jorge, foi reconhecida frequentadora das arquibancadas em especial no período de jejum de títulos do Corinthians entre 1954 e 1977. Já Dulce Rosalina é uma representante singular (Araújo, 2019), pioneira em relação à efetiva participação política e de liderança sendo a primeira mulher presidente de uma torcida organizada na TOV (Torcida Organizada do Vasco), referenciais que nos movem a refletir sobre as invisibilidades e as resistências em ambientes majoritariamente masculinos, os quais ainda persistem em grande parte no interior dos clubes e as disputas internas por representatividade.

A partir dos referenciais citados, observamos que no Brasil, a relação das mulheres com as práticas esportivas historicamente possui pouca visibilidade e uma trajetória margada por proibições legais, pouco incentivo governamental e a insistência em demarcar determinadas modalidades a partir da norma masculina, heterossexual e branca, ainda assim, pesquisadoras vem buscando fomentar novas narrativas que incluam e visibilizem trajetórias de personagens que a seu tempo insistiram em acessar as pedagogias do jogo até então negadas a elas (Bonfim, 2019). A inclusão das discussões sobre esporte e gênero assim como demais categorias interseccionais, raça,

classe social, durante muito tempo não foi vista como uma problemática contemplada nos estudos feministas e de gênero no Brasil, como assinala Rial (2021) os estudos feministas chegam ao nosso país através de mulheres com formação acadêmica no exterior para as quais o futebol estava distante de fazer parte prioritária da agenda.

A demora das investigações sobre mulheres e futebol tornarem-se uma temática incorporada aos questionamentos e análises feministas em nosso país, traz como pano de fundo o fato das protagonistas que se interessavam pela prática serem em grande medida dos subúrbios, afastadas da academia, compostas por dissidências de corpo, gênero e sexualidades ante as normatizações até então vigentes. Para Pisani (2022), a introdução da categoria gênero para os estudos sociológicos sobre esportes no Brasil, traz atrelada às demandas relacionais de feminilidades e masculinidades no esporte, as relações entre corpo, sociabilidades, poder, subjetividades, ou seja, amplia olhares para perspectivas interdisciplinares e interseccionais de análises, um movimento também de disputas políticas.

Ao focar o estudo sobre as mulheres que torcem, vibram e envolvem-se com o universo futebolístico, apesar dos desafios permeados por representações culturais, sociais e de gênero, salientamos a necessidade de romper com representações hegemônicas as quais com frequência categorizam mulheres torcedoras a partir de rótulos os quais destacam seus atributos físicos de beleza, como meras acompanhantes dos homens, como figuras maternais, marias - chuteira ou ainda como masculinizadas (Costa, 2007; Januário, 2019). Elencamos além da diversidade de representações não hegemônicas, as possibilidades de expressar e vivenciar o lugar do protagonismo do exercício torcedor, além de romper com a figura de acompanhantes ou menos interessadas em relação ao currículo de masculinidades normativo, agentes ativas na formação e organização coletivas, assim como nas parcerias com grupamentos torcedores aliados. Neste ponto podemos destacar os agrupamentos de torcedoras que serão investigados, e as condutas de iniciativas e ações de resistência ante às adversidades que muitas vezes se impõem na manutenção e legitimação do espaço de seu lugar de torcedora, seja na colocação de uma faixa nas arquibancadas, ou na garantia de seguridade para ir e vir dentro e fora dos estádios, movimentos necessários para ampliar as representações identitárias de ser mulher e torcedora, do individual à coletividade.

Notas sobre o trabalho de campo

Durante o percurso etnográfico da investigação, percebemos em grande medida que a experiência torcedora não estava estritamente vinculada ao fato de as interlocutoras frequentarem o estádio, aliás em meio à diversas barreiras sociais, econômicas e de violências, o ato de torcer toma configurações diversas. Nesse sentido, ao realizarmos o trabalho de campo, nos deparamos com o grupo de torcedores do Vasco da Gama, que frequentava as dependências da Torcida Mancha Azul, vinculada ao Avaí Futebol Clube. Torcidas amigas, ou chamadas torcidas aliadas, possuem relações que tangenciam o senso comum relativo a torcidas organizadas e a relação direta às masculinidades, violências e demais questões problemáticas, amplamente visibilizadas. Desta forma, as torcidas aliadas, estão em diferentes estados e possuem símbolos, acordos, e inimigos em comum que muitas vezes perpassam a identificação clubística comum para os demais torcedores. Sendo assim jogo de irmãos podem acontecer mesmo quando os clubes dos torcedores rivalizam em campo, o fato da aliança torcedora sobrepõe-se à representação de adversários[1].

Em nosso contexto local, uma questão colocada como importante dado de campo, foi a rivalidade local entre os grupos torcedores e como isso influenciou em nossa conduta, em relação aos riscos do estar em campo como abordam Fleischer e Bonetti (2010) a respeito de uma etnografia arriscada. Por trabalharmos com a etnografia multissituada, acabávamos circulando tanto em jogos do Avaí Futebol Clube, quanto do Figueirense Futebol Clube. A partir do momento em que nos aproximamos das torcidas organizadas Mancha Azul (Avaí) e Força Jovem (Vasco), nos foi orientado através de nossas interlocutoras de que precisaríamos escolher um lado para a realização da pesquisa, visto que não seria possível estar em ambos os locais, pois frequentando o espaço dos torcedores e torcedoras organizados estaríamos cientes de algumas regras. Nesse sentido é proibido estar nos espaços do adversário (Figueirense), até mesmo porque não poderiam garantir a nossa segurança caso fossemos reconhecidas como frequentadoras da torcida rival. Em parte, essa situação causou desconforto e abreviou

[1] Sobre esta temática indicamos a tese de Renato Saldanha: SALDANHA, R. M. Nem guerra entre as torcidas, nem paz entre as classes: decifrando as torcidas antifascistas unidas do Norte e do Nordeste. Orientador: Prof. Silvio Ricardo da Silva. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, p. 184, 2023.

um trabalho de campo que se estenderia por mais tempo no espaço do Clube e torcidas do Figueirense, mas, por outra perspectiva, tal proibição e nossa concordância em cumprir as regras, nos trouxe o reconhecimento como pessoas que faziam parte, ou seja o pertencimento ao grupo, ainda que o tempo todo nos declarássemos pesquisadoras.

Podemos destacar que as torcedoras investigadas, tomaram condutas de iniciativas e ações de resistência ante às adversidades que muitas vezes impõem-se na manutenção e legitimação do espaço de seu lugar torcedor, o distanciamento geográfico constituído no fato de torcer para uma equipe de outro estado, contrasta com as estratégias de ações coletivas, as quais possibilitaram o acompanhamento junto à organizada da Força Jovem do Vasco e a frequência na sede e jogos de uma torcida aliada (Mancha Azul) vinculada ao Avaí Futebol Clube, desta forma a garantia de seguridade para ir e vir dentro e fora do estádio local e de estádios da região Sul, assim como as reuniões para assistir em um bar local os jogos do Vasco televisionados seja em transmissões de emissoras abertas ou fechadas.

Foto 1 – Dia de jogo do Vasco, torcida Força Jovem assistindo a partida em um bar.



Fonte: arquivo pessoal das pesquisadoras, 2024.

Durante o trabalho de campo, observamos a integração das torcedoras ocupando inclusive papéis de liderança na organização dos encontros e ações coletivas da torcida, ainda que por vezes nas excursões para jogos com rivais com histórico de conflitos, sua presença era barrada pelos demais integrantes como forma de garantir a sua segurança, o que também se configura a partir das expectativas de gênero dos lugares ocupados por homens e mulheres neste grupamento. Ainda assim, destacamos que em mais de uma ocasião, ainda que não fizessem parte da caravana para assistir as partidas, tomaram ações independentes para ir assistir e participar dos jogos por conta própria destacando-se do grupo maior formado pelos homens torcedores, o que ao nosso olhar e pelos relatos das interlocutoras foram ações de resistência e legitimidade do seu lugar e papel como torcedoras ativas e atuantes onde e quando consideraram, ou seja onde o Vasco estivesse.

Além dos aspectos relatados, em nosso estudo, o grupo de torcedoras e torcida organizada mais ampla do Vasco denominada Família 28 da torcida Força Jovem, configuram-se em uma categoria torcedora considerada torcedor "misto", a qual segundo Vasconcelos (2011) expressa torcedores que torcem para mais de uma equipe, ou anda, que torcem apenas para uma equipe de outro estado. Porém neste ponto chama a atenção o fato de que geralmente na literatura brasileira sobre torcedores, os trabalhos relacionaram tal configuração em relação à torcedores das regiões norte e nordeste e não abordaram especificamente torcedores do Sul do Brasil torcendo para equipes do Eixo Rio – São Paulo, e esta também se configura como uma questão relevante para a contextualização da pesquisa realizada.

Considerações finais

Concluímos que para as mulheres torcedoras investigadas, vivenciar a cultura torcedora relaciona-se a estabelecer estratégias de alianças e negociações onde futebol, gênero e identidades são constantemente permeados por resistências, desafios e a produção de vínculos torcedores os quais redimensionam as expectativas de rivalidades, distância e regionalidade. Em muitos momentos, observamos que o pertencimento coletivo das torcidas aliadas, trouxe um vínculo mais expressivo em comparação à rivalidade comum entre grupamentos de diferentes clubes. Assim como, os ritos de cordialidade, amizade e acolhimento entre coletivos torcedores organizados foram

amplamente visibilizados, a despeito de episódios violentos que frequentemente são relacionados e identificados nas mídias e senso comum.

Em nossa pesquisa, ainda que nossas interlocutoras não se definissem como feministas, a partir de suas práticas e estratégias de resistência exerciam um ativismo em oposição às barreiras comumente impostas pelo clube e/ou torcedores homens. Além disso, a própria presença nos espaços de torcer é uma questão política simbólica, e tensionamos que esta também é uma pauta para os feminismos. Desta forma, consideramos que as relações e interações observadas em relação às mulheres presentes nestes grupamentos, constituem-se de movimentos necessários para ampliar as representações identitárias de ser mulher e torcedora, nos quais regionalidade, pertencimento e resistência são interseccionados.

Referências

BANDEIRA, G. A. *"Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração": currículo de masculinidades nos estádios de futebol.* 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

BANDEIRA, G. A.; SEFFNER, F. *O androcentrismo do torcer: do Universo do Futebol ao estádio contemporâneo.* Conexões, Campinas, SP, v. 20, n. 00, p. e022016, 2022. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8668348. Acesso em: 15 jun. 2023.

BANDEIRA, G. *Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol*. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n. 44, p. 342-351, 2010. Acesso em 07 fev. 2026.

BATISTA, C.; ABRAHÃO, B. O. L. *Estudos sobre os torcedores de futebol: uma revisão sistemática.* FuLiA/UFMG , *[S. l.]*, v. 7, n. 1, p. 82–102, 2022. DOI: 10.35699/2526-4494.2022.36792. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/36792. Acesso em: 10 dez. 2023.

BONFIM, A. F. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição*

(1915-1941). Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

CAMPOS, P. *Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão.* Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

COSTA, L. M. *"O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e autorrepresentação do público feminino do futebol"*. Esporte e Sociedade. v. 2, n.4, 2007. Disponível em: https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48008. Acesso em: 2 jan. 2024.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.

DAMO, A. S. *O espetáculo das identidades e das alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro*. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (org.). Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014, p. 23-55.

FENSTERSEIFER, A.; SAAD, M. A.; MORO, A. R. P. *Futebol: Uma Investigação do Estado do Conhecimento das Dissertações e Teses Produzidas no Brasil*. Pensar a Prática, Goiânia, v. 21, n. 2, 2018. DOI: 10.5216/rpp.v21i2.44088. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fef/article/view/44088. Acesso em: 22 fev. 2023

FLEISCHER, S; BONETTI, A. *Etnografia arriscada: dos limites entre vicissitudes e "riscos" no fazer etnográfico contemporâneo*. Teoria & Pesquisa Revista de Ciência Política, São Carlos, v. 19, n. 1, 2010. DOI: 10.4322/tp.v19i1.205. Disponível em: https://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/205. Acesso em: 28 fev. 2025.

GIGLIO, S. S.; SPAGGIARI, E. *A produção das Ciências Humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009)*. Revista de História. São Paulo, n. 163, p. 293-350, 2010. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i163p293-350. Disponível em: Acesso em: 16 jan. 2024.

GOELLNER, S. *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.* Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 19 n. 2, 2005. DOI:

https://doi.org/10.1590/S1807-55092005000200005. Diponível em: https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590. Acesso em: 16 jan. 2024.

JANUÁRIO, S. *Mulheres no Campo: o ethos da torcedora pernambucana*. São Paulo: Fontenele Publicações, 2019.

KIMELL, M. *"A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas"*. Horizontes Antropológicos**.** Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social /UFRGS, n. 9,p. 103-117, 1998.

PISANI, M. *Gênero: um conceito útil para a análise esportiva e futebolística (versão impressa)*. In: Claudia Samuel Kessler, Leda Maria da Costa, Mariane da Silva Pisani. (Org.). As mulheres no universo do futebol brasileiro. 1ed.Santa Maria: Editora UFSM, 2022, v. 1, p. 327-343

PISANI, M. *'Sou feita de chuva, sol e barro': o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo*. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.8.2018.tde-11102018-110139. Acesso em: 2024-11-04.

REIS, H. *Futebol e Sociedade: as manifestações da torcida*. Tese de Doutorado – Departamento de Estudos do Lazer, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, São Paulo, 1998.

REIS, H. *O perfil do torcedor organizado e a política brasileira para o futebol espetáculo*. Tríade: Revista de Comunicação, Cultura e Midia. 4. p. 172-189. 2016.

RIAL, C., *#Déjala trabajar: el fútbol y el feminismo en Brasil.* In: Thomas Fischer; Romy Kôlher; Stefan Reith. (Org.). Fútbol y Sociedad en América Latina. 1ed.Frankfurt: editorial Vervuert, 2021, v. 1, p. 241-256.

TEIXEIRA, R. C**.** *Os perigos da paixão: filosofia e prática das torcidas jovens cariocas*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). PPGSA, UFRJ, 1998.

VASCONCELOS, A. A. *Identidade futebolística: os torcedores "mistos" do Nordeste.* Dissertação de mestrado, PPGS/UFC, 2011.